

A EMPATIA E O VÍNCULO SONORO COMO FACILITADORES DA COMUNICAÇÃO JORNALÍSTICA NO PODCAST MAMILOS

Leonardo Levatti¹

Resumo

Após contextualização do “podcasting”, o artigo investiga o ambiente sonoro do programa *Mamilos*, buscando elementos vinculadores que facilitem a comunicação jornalística proposta. Trata-se de apurar se há e como se dá a polifonia e a empatia na atração. As reflexões sobre jornalismo se basearão em Nelson Traquina. A busca pelos elementos vinculadores, em Boris Cyrulnik e Malena Contrera. O ponto de inflexão para pensar a narrativa jornalística como a arte de tecer o presente tomará por base as contribuições de Cremilda Medina. Como recorte, a edição de número 102 de *Mamilos*, cujo tema foi “Empatia e população de rua”. Por fim, discorre-se sobre o papel de relevância do podcast *Mamilos* dentro da Cultura do Ouvir (Menezes, 2012; 2016).

Palavras-chave: Podcast. Mamilos. Ambiente. Vínculo sonoro. Empatia.

Abstract

After the contextualization of “podcasting”, the article investigates the sound environment offered by *Mamilos* podcast, in a search for elements that facilitate the journalistic communication proposed. The goal is to clear if there is and how do polyphony and empathy appear in the attraction. Journalism will be thought based on Nelson Traquina. The search for bond elements inspired by Boris Cyrulnik and Malena Contrera. The point of inflection that thinks journalistic narrative gets the contributions of Cremilda Medina. The article will focus on the 102^o edition of *Mamilos*, whose theme was "Empathy and Street Population". Finally, we discuss the role of relevancy that *Mamilos* operates in the Culture of Listening (Menezes, 2012, 2016).

Keywords: Podcast. Mamilos. Sound Environment. Sound Bond. Empathy.

¹Jornalista, radialista e mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. É coordenador de produção da Rádio Gazeta AM - emissora dirigida pela instituição de ensino. Também atua como apresentador, narrador esportivo e cerimonialista. leolevatti@gmail.com

O Podcasting²

Em 2004 dá-se o surgimento do podcasting como plataforma de produção de conteúdo na rede mundial de computadores. A partir de então, cada vez mais pessoas canalizaram tempo e energia para o consumo ou construção dos podcasts e é nos anos recentes que se observa a consolidação desse modelo de comunicação (VICENTE, 2018). É nesse contexto que o programa *Mamilos* se insere. Mas antes de discorrer sobre o fenômeno sobre o qual se debruça este artigo, vamos nos atentar para o que é exatamente o podcast, em breve explanação.

Segundo a ABPOD, Associação Brasileira de Podcasters, “Podcasts são programas de áudio ou vídeo, cuja principal característica é um formato de distribuição chamado podcasting”. Como se nota, ler a definição de podcast, em si, é insuficiente para uma elucidação mais apurada. Somos impelidos a definir, então, o que é podcasting. Mais do que o conteúdo, para compreender o podcasting é estratégico pensar na forma através da qual chega ao público este conteúdo.

“Podcasting é um meio de publicação de arquivos de mídia digital através de *feed RSS (Really Simple Syndication [distribuição realmente simples – tradução livre])*” (ABPOD, 2018). A singularidade do podcasting reside no *feed RSS*, pois esse recurso permite aos assinantes interessados em determinado arquivo digital não só o acompanhamento de suas atualizações, mas também seu download automático.

Numa didática antítese: antes do advento do podcasting como modalidade de distribuição de conteúdo, para que o internauta ouvisse o arquivo de áudio de sua preferência, ele deveria, a cada nova edição ou atualização, acessar o site que hospedava o conteúdo, fazer o download para o computador e, só depois disso, ouvi-lo (KISCHINHEVSKY, 2017). No entanto, com o

² Neste artigo, o uso do termo *podcasting* designará a ação de produzir e distribuir conteúdo, enquanto *podcast* será utilizado para definir programas. Daremos enfoque aos programas de áudio, especificamente, para melhor dialogar com o fenômeno *Mamilos*, produto predominantemente sonoro, apesar de estar envolvido num amplo trabalho de comunicação que contempla divulgação e produção de conteúdo nos sites de redes sociais digitais e em outros ambientes digitais mediados, em alguns momentos, por imagens.

avanço dos anos 2000, aqueceu-se a demanda para automatizar o acesso ao conteúdo de audioblogs e demais programas de áudio.

O fluxo mais comum até 2004 era internauta-conteúdo sonoro. A partir daquele ano, o caminho conteúdo sonoro-internauta ficou viável por meio do podcasting e passou a ser um ingrediente relevante para melhor compreender a relação de consumo entre os atores da rede e os produtos sonoros. “No podcasting, diferentemente da radiodifusão convencional, a recepção é assíncrona, cada indivíduo decide quando e onde vai ouvir o conteúdo assinado” (HERSCHMANN e KISHINHEVSKY, 2008).

Numa definição estritamente técnica, enquanto modelo de distribuição de conteúdo, o podcasting não está restrito ao áudio. Qualquer conteúdo de mídia - como fotos ou até mesmo vídeos – pode ser enviado para um usuário via RSS. Mas aí entra o uso prático. Assim como o YouTube foi se firmando como o espaço para os vídeos, o podcasting passou a se assentar na distribuição do áudio (VICENTE, 2018).

Como Eduardo Vicente endossa, através das contribuições de Ignacio Gallego Perez (2009), tão ou mais determinante que o potencial tecnológico é o uso efetivo e a compreensão que as pessoas fazem do podcasting. Seja pelas possibilidades de seleção e criação oferecidas ao usuário da rede, de distribuição dos conteúdos livremente “e de poder optar por uma oferta mais variada e menos centrada nos grandes grupos de comunicação, reconhecendo que, no momento atual, as grandes marcas de difusão seguem sendo as mais destacadas da atualidade” (GALLEGO, 2009, p. 79, tradução do autor, *apud* VICENTE, 2018, p.9).

***Mamilos*, jornalismo e empatia**

Conversar, atingir e tocar o outro são nortes essencialmente humanos que ajudam a compreender a premissa editorial do podcast *Mamilos*. O programa busca, através do som, criar um ambiente comunicacional acolhedor, de pertencimento. Uma atmosfera que vincula. A primeira edição do programa data de 14 de novembro de 2014. Sob slogan “*jornalismo de peito aberto*” a atração é apresentada por Ju Wallauer e Cris Bartis.

O programa é distribuído às sextas-feiras e discute os assuntos de maior repercussão, pertinência e relevância social com base em critérios jornalísticos de interesse público. Um dos parâmetros para a escolha dos temas é o termômetro das redes sociais digitais, isto é, os assuntos que os atores sociais mais estão falando em sites de rede social digital como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, por exemplo. Se houver um tema de interesse público, relevante jornalisticamente por si só, o qual consegue pautar o ambiente das redes sociais digitais, há boas chances de o assunto estimular as reflexões do programa.

O podcast é hospedado no portal BRAINSTORM9, um cibermeio, e pode ser baixado via RSS por meio de diversos agregadores de podcast. Sobre o portal B9, conforme consta na missão da empresa, “trata-se de um veículo online brasileiro que traz conteúdo sobre criatividade e inspiração na publicidade, social media, internet, negócios e comunicação digital”. Sobre a missão do programa *Mamilos*, encontra-se:

“*Mamilos* é um podcast semanal que pinça das redes sociais os temas mais debatidos (polêmicos) e traz para mesa, com a ajuda de especialistas, um aprofundamento do assunto com empatia, respeito, tolerância e bom humor. A ideia é, a partir de um recorte, mergulhar em um tema apresentando variados argumentos e visões para que os ouvintes formem opinião com mais embasamento. Para o *Mamilos* construir pontes é mais importante que provar pontos” (BRAINSTORM9, 2015).

Se *Mamilos* é um produto de natureza jornalística, antes de pensá-lo cabe a reflexão: o que é jornalismo e a quem ele está a serviço? As perguntas em si já suscitariam um artigo extenso. Para não dizer um livro. No raciocínio aqui construído, adotaremos as contribuições de Nelson Traquina para compreender o jornalismo como uma área da Comunicação preocupada em oferecer informações para equipar, fortalecer e preparar o cidadão com as ferramentas imprescindíveis para a vida em sociedade (TRAQUINA, 2005).

Entendemos o jornalismo como prestação de serviço, como um meio para a reflexão social, como a instituição responsável por elucidar os direitos do indivíduo e muni-lo de tudo aquilo que for relevante e pertinente para o interesse público (CHRISTIANS, FERRE E FACKLER, 1993). A imprensa, como um elo constante entre a opinião pública e as instituições governamentais, por exemplo.

No entanto, o dia a dia jornalístico desafia seus profissionais na arte de equilibrar a profundidade e o dever ético de uma apuração mais completa com a pressão latente dos

curtíssimos prazos de entrega - uma vez que o tempo do jornalismo é o tempo presente, urgente. Não à toa, para viabilizar a entrega dos conteúdos no pouco tempo disponível, o jornalismo construiu um conjunto de critérios, regras e noções éticas para minimizar as distorções, aumentar o equilíbrio e potencializar a justiça na arte de contar histórias do dia a dia.

Como nos convida a refletir Cremilda Medina (2003), há algumas técnicas, fórmulas e esquemas presentes na memória da área jornalística desde o século XIX. No entanto, a complexidade da realidade que o jornalismo pretende capturar não se submete aos esquematismos capazes de engessar tanto as decisões éticas quanto à inventividade estética de uma narrativa do cotidiano. Contra o automatismo da área, Medina salienta:

O embate se trava no momento em que é preciso abandonar o confronto das fórmulas engessadas dos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sócias e o protagonismo humano. Inverter a relação sujeito-objeto do técnico em informação de atualidade para a relação sujeito-sujeito do mediador social, para além de ser um problema epistemológico, é uma fogueira em que se queimam as certezas, as rotinas profissionais, o ritmo mecânico do exercício jornalístico (MEDINA, 2003, p. 40).

Nelson Traquina (2005) retoma as ideias de Bourdieu para salientar que os jornalistas partilham de certos “óculos” através dos quais enquadram a realidade enxergando algumas partes dela, não enxergando outras. O autor provoca que o jornalismo é parte seletiva da realidade, isto é, os jornalistas, enquanto classe profissional, têm em comum uma maneira de ver, mas também agir e falar. Bourdieu compacta tudo isso na expressão “jornalês”.

E é justamente contra esse jornalês que Medina se colocará. No fundo, o apelo dela é por um jornalismo que se permita a um voo original, afetivo, capaz de irromper singular e através da força narrativa que a área potencialmente apresenta aos profissionais que nela atuam. É mínima a parcela dos jornalistas “que transcendem o explícito e o apreensível segundo os estereótipos mentais – uma descrição estática, superficial e esquemática do acontecimento vivo” (MEDINA, 2003, p. 50).

Mas a autora assegura que há quem rompa com tudo isso. Uma minoria capaz de transnarrar o objeto de observação, fundir nele a experiência da construção narrativa, humanizar os movimentos da cena e se permitir a intuição, fugindo da lógica controlada pelo senso comum.

Qual espaço o programa *Mamilos* ocupa nesse espectro? O do jornalês - pontuado por Nelson Traquina – ou na arte de tecer o presente – endossada por Medina?

Tomemos por referência as palavras das apresentadoras Cris Bartis e Juliana Wallauer na abertura da centésima edição do programa, pautado pelo tema ‘sistema prisional’ no dia 18 de março de 2017. Não nos debruçaremos sobre essa edição especificamente, mas a abertura desse programa é convidativa para investigar a postura jornalística assumida pelo programa.

“Bem-vindos ao *Mamilos* número cem! Se é a sua primeira vez no “bonde da polêmica”, relaxa o ombrinho, aqui não é espaço para provar pontos, o que a gente quer é construir pontes. Nós temos um espaço de encontro onde pessoas com diferentes vivências e opiniões buscam entender como que alguém, bem-intencionado e inteligente, pode chegar a conclusões tão opostas às suas. Deixa a ‘lacrção’ na porta e vem com curiosidade, de coração e mente abertos” (Transcrição).

‘Construir pontes’ ao invés de ‘provar pontos’ sugere a perspectiva dialógica que este artigo investiga. Em outras palavras, a empatia como ponto de partida para tocar o outro; como premissa para vincular-se. Ao refletir sobre a alteridade, Cyrulnik (1997) revela que as emoções, comportamentos e ideias de uma pessoa estão intrinsecamente ligados à projeção que se faz do mundo mental do outro. “Pode adivinhar ou delirar, pois a empatia necessita de uma aptidão sensorial para perceber os indícios e os sinais emitidos pelo corpo do outro e de uma aptidão neurológica para fazer os sinais que compõem uma representação do mundo do outro” (CYRULNIK, 1997, p. 220-221).

Complexa, essa percepção perpassa pela capacidade de um ser humano habitar o mundo representado do outro, o que exige um impulso na busca pelo outro. O autor enfatiza a diferença entre simpatia e empatia nesse processo. Enquanto a primeira demanda um contato emotivo trocado entre dois indivíduos, a segunda exige uma representação partilhada entre dois sujeitos (CYRULNIK, 1997). E é com a noção de empatia encampada por Cyrulnik que trabalharemos nesse artigo. Dentro do seu processo comunicacional, *Mamilos* tenta esse movimento empático, cuja beleza se dá pela busca.

Quando complementada pela interdisciplinaridade do conhecimento, a empatia se fortalece como base para a construção dialógica das ideias. *Mamilos* baseia-se na articulação de diferentes vozes e pontos de vistas para a costura de seus temas, num *modus operandi* pautado

pela pluralidade de prismas, repertórios e vivências. O alinhamento com a complexidade de Morin (1996) é estreito. O autor adverte: dividir o conhecimento em compartimentos com especializações restritivas é estar na contramão da busca por soluções complexas que muitos problemas demandam.

(...) porque sabemos que os especialistas são excelentes para resolver os problemas que se propõem em sua especialidade com a condição de que não surjam interferências com fatores pertencentes a especialidades vizinhas e com a condição de que não se apresente nada novo nos problemas expostos. O problema é que, enquanto aparece uma novidade ou uma interferência, o *expert* se equivoca um pouco mais seguidamente que o *não-expert* (MORIN, 1996, p. 276).

Mamilos 102

Na edição de número 102 o tema escolhido foi *Empatia e Moradores de Rua*. O programa foi veiculado no dia 31 de março de 2017. Dois ganchos jornalísticos pautaram a atração. Primeiro, o lançamento do programa Trabalho Novo pelo então prefeito de São Paulo, João Dória no começo daquele mês. O conjunto de ações em parceria com a iniciativa privada tinha por finalidade empregar cerca de 20.000 moradores de rua até dezembro de 2017. Outro gancho foi o lançamento do livro “Contra a Empatia: por uma compaixão racional” de autoria do professor de psicologia da Universidade de Yale, Paul Bloom. A obra desromantizava a empatia, enfatizando os malefícios por ela trazidos. Logo na abertura deste programa, a apresentadora Ju Wallauer nos dá mais uma evidência sobre a missão de *Mamilos*:

“Bem-vindos ao *Mamilos*! Aquele lugar gostoso de encontro para debater temas polêmicos com empatia e respeito. Respira fundo, deixa a poeira da intolerância na porta, abre o coração e a mente pra explorar com curiosidade diferentes visões e argumentos” (Transcrição, *Mamilos* 102).

Como convidados, a edição contou com o psiquiatra Fernando Duarte e Vitor Brumatti. Fernando atua no CAPS, Centro de Atenção Psicossocial e no NASF, Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Já Vitor é economista e analista de dados. Ele passou pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e por lá conduziu pesquisas com população de rua, entre as quais o censo de população de rua de São Paulo. Embora não tenha contado com personagens no estúdio, Vitor e Fernando trouxeram depoimentos de moradores de rua com que tiveram contato direto – e foi pontuada a dificuldade de se trazer algum morador de rua, pois há uma tendência ao isolamento por parte destes.

A escolha dos convidados nos permite dizer que houve preocupação em escolher aqueles que, primeiro, tinham legitimidade para discorrer sobre o assunto, mas, segundo, e não menos importante, aqueles que tinham tido experiências humanas capazes de humanizar o debate. Lembra a informação humana, vivida, exemplificada na cena cotidiana e “protagonizada pelos heróis da aventura contemporânea” de que fala Cremilda Medina (2003).

Ainda nesse sentido, o que se percebe ao longo do programa é que a preocupação não está exatamente na análise da anunciada política pública de João Doria em si, mas na efetividade dela e, sobretudo, na vida das pessoas de rua diretamente atingidas por ela. Vamos à maneira como o fato é enquadrado para depois nos debruçarmos sobre seu destrinchamento. A apresentadora Cris Bartis apresenta o tema dessa forma:

“Vamos então pro Trending Topics número 1: Assistência a moradores de rua. O prefeito de São Paulo, João Doria, lançou no dia 21 desse mês [março de 2017] o programa *Trabalho Novo* com a missão de empregar pessoas que hoje moram nas ruas. Para isso, o prefeito fechou parceria com o Sindicato de Conservação e Limpeza da cidade para que reservem vagas de varredores nas empresas privadas para atender o programa. A meta é conseguir empregar 20 mil pessoas até 31 de dezembro. As empresas pagarão salário mínimo mensal que é R\$ 937,00, além de vantagens como plano de saúde. Não haverá dinheiro público no programa e, para conseguir a vaga, os candidatos terão que se comprometer a deixar as ruas em até 90 dias. Uma opção será morar nos antigos albergues, que passarão a se chamar Espaço Vida. O Governo Estadual também será parceiro do programa, cedendo serviço do Poupatempo para moradores de rua conseguirem obter documentos necessários para sua contratação. A medida é boa? Com certeza. Ela é efetiva? Vamos conversar um pouco sobre isso” (Transcrição, Mamilos 102).

É possível dividir esta fala em dois momentos. O primeiro pode ser pensado como o “jornalês” já destrinchado: uma apresentação do tema com objetividade, concisão e certo distanciamento. Tudo isso muda ao final, segunda parte, quando se troca certeza sólida (sim, a medida é boa!) por pergunta provocante (mas é efetiva?) e a abertura do debate com doçura e um convite ao diálogo. Inicia-se uma relativização do fato, isto é, uma postura complexa para a melhor compreensão possível do plano, para promovê-lo criticamente.

A discussão sobre a efetividade da política pública passa a ser o ponto de inflexão que dá o tom para o desenrolar do tema. Trata-se de um convite imediato à pergunta e à relativização do fato em vez de sua negação ou chancelamento. Ao longo do programa, Vitor e Felipe discutem as razões que levam alguém a morar nas ruas, a redução ou ausência dos vínculos psicoafetivos

dessas pessoas, os problemas relacionados à moradia urbana na capital paulista e, como ilustração, um detalhamento sobre o caso da Cracolândia.

E a desconstrução avança programa a dentro, sendo oferecida aos ouvintes e incorporada pelos próprios convidados. Prova disso é que, em outro momento, Vitor Brumatti discorre sobre a insuficiência dos 937 reais oferecidos como remuneração pelo programa. Diante dos altos gastos que um ex-morador de rua passa a absorver (aluguel, alimentação e outras contas), a quantia, aponta Brumatti, inviabiliza uma vida digna. Após esta profunda exposição, Felipe Duarte constata que mudou seu pensamento:

“A primeira impressão que eu tive quando eu vi essa proposta do Dória era de que, pô, parece legal, vai dar algum tipo de esperança, alguma motivação da pessoa, que às vezes também não tem mais vínculo nenhum, não tem responsabilidade nenhuma, e de repente é algo pra fazer as coisas andarem, né. Então a primeira impressão que eu tive foi legal, foi bacana. Agora, vendo você fazer essa discussão toda, que eu fico mais preocupado com essa questão do valor dos 937 [reais], e de que não é tão simples assim pra pessoa sair da rua, recebendo esse dinheiro, com que ela faz, tudo... Então assim, quero muito ver onde que vai dar essa história” (Transcrição, Mamilos 102).

Momentos como esses atestam que o jornalismo praticado por *Mamilos* carrega fronteiras flexíveis, vivas, as quais se expandem e retraem na mesma proporção em que os convidados assimilam mais dados, informações, depoimentos, e na mesma proporção em que ouvem uns aos outros. Há uma preferência editorial por questionamentos abertos em detrimento das certezas inegociáveis.

Num segundo momento, o programa é pautado pelo livro “Contra a Empatia: por uma compaixão racional” de autoria do professor de psicologia da Universidade de Yale, Paul Bloom. O livro não havia chegado ao Brasil ainda. Mas Cris Bartis e Ju Wallauer anteciparam-se para trazer à baila a polêmica definição de empatia endossada por ele.

Aqui, particularmente, é curioso notar o recorte sobre a empatia trazido por parte do autor, Paul Bloom, o contraste que existe em comparação com as ideias de Cyrulnik já apresentadas aqui. Embora o etólogo francês não seja citado pelas apresentadoras – suas contribuições teóricas estão sendo trazidas apenas por este artigo – é notório o abismo que separa as duas construções de empatia. Bloom entende a empatia como um problema. Argumenta que a vida de quem é empático é mais dura, árdua e sofrida porque este alguém, ao ter facilidade para se colocar no lugar do outro, estaria vulnerável diante das aflições, dores e traumas do outro. A apresentadora

Ju Wallauer traz uma primeira definição de empatia com base nos principais estudos psicológicos e sociológicos:

“Empatia significa a capacidade psicológica pra sentir o que sentiria uma outra pessoa caso estivesse na mesma situação vivenciada por ela. Então ser empático é ter afinidade e se identificar com outra pessoa. É saber ouvir os outros, compreender seus problemas e emoções” (Transcrição, Mamilos 102).

Depois, Felipe Duarte endossa raciocínio de Ju Wallauer e convida o ouvinte a uma negociação do que é a empatia, com respeito e consideração às contribuições de Paul Bloom sobre a ideia, mas explícita discordância. Ele entende que Bloom enfatiza e superestima a questão do sofrimento sentido pelas pessoas empáticas, não se dedicando a outros pontos:

A Ju trouxe uma definição sobre o que é empatia (...) isso também sempre foi a empatia pra mim; ou seja, a palavra chave seria “compreensão”, “entendimento”, essa seria a palavra chave da empatia pra mim. Pro Paul Bloom não é, tá? O Paul Bloom, ele fala que existem essas diferenças de semântica, de significado, mas ele fala que assim: tem pessoas que definem empatia como tudo que há de bom no mundo, como amor, como solidariedade (...) ele fala: “tudo bem, não sou contra isso, não sou contra o amor, não sou contra a solidariedade, pelo contrário, sou a favor”. Aí ele fala: “tem pessoas que entendem a empatia como entender o que os outros pensam e sentem” (...) É, mais mental até [**Ju:** mental, exato!] e quanto a isso, ele também não é contra, mas ele prefere definir empatia como “você sentir a dor que o outro sente”, [unicamente]. (Transcrição, Mamilos 102).

Essa dialogia, abertura a um espaço de encontro, para além de temas destrinchados ao longo dessa edição, são premissas editoriais do programa. E há aí terreno fértil para a construção de vínculos sonoros que se possam cultivar com o ouvinte de *Mamilos*. Embora esta pergunta, complexa, venha a ser destrinchada numa pesquisa mais extensa, a qual será a espinha dorsal da dissertação deste mesmo autor no curso de mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, aqui cabe um esboço.

Vamos retomar as ideias de Boris Cyrulnik (1937-). O etólogo e psiquiatra francês dedicou e dedica boa parte de sua vida aos estudos sobre vínculos. Embora não esteja embalsamado pelas redes sociais digitais, o conceito de vínculo defendido pelo autor apela para o extremo: a necessidade do vínculo nasce com a vida e é uma condição indissociável dela. Os vínculos, com base em seus estudos e reflexões, são laços estreitos, carregados de psicoafetividade, dos quais ser humano algum pode abrir mão. O autor alerta: “não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém” (Cyrulnik, 1995, p. 75).

No caso de um podcast como *Mamilos* que assume tal desafio como ponto de partida, o de oferecer um ambiente vinculador, a sonoridade é o norte para atingir essa atmosfera vinculadora-vinculante. Malena Contrera, pesquisadora especialista nas noções de vínculo a partir de Cyrulnik, discorre sobre o desafio de se viabilizar um ambiente vinculador dentro de um produto midiático:

Nesse sentido também podemos considerar a contribuição do estudo dos vínculos comunicativos para um alargamento da compreensão sobre os meios de comunicação, entendendo-os como espaços (físicos ou simbólicos) nos quais essa rede de vinculação deve operar numa escala socialmente maior do que a da comunicação interpessoal, e refletindo sobre se esses meios têm ou não, de fato, desempenhado esse papel, ou se se tornaram meros espaços funcionais por onde transitam informações assépticas e vazias de sentido, apenas quantitativas e mercadologicamente consideradas (CONTRERA, In: MARCONDES FILHO, 2009, p. 458-459).

Cyrulnik nos lembra que a condição humana de rede, aqui dissociada da hiperconectividade, internet ou cibercultura, não é algo desejável, optativo, mas algo constitutivo. Ele aponta: “Há organismos, suficientemente separados para que se possam considerar indivíduos, que experimentam, apesar de tudo, a necessidade de estar juntos: estar-com para ser, pressão paradoxal do ser vivo” (CYRULNIK, 1997, p. 92). A aproximação do conceito de rede ao conceito de vínculo, desde que o conceito rede, neste caso, esteja separado da ideia de conexão e cibercultura, nos ajuda a clarear as ideias dele.

Rede, como conexão, opera numa esfera pouco complexa, quase automática. Rede, como conceito mais próximo de vínculo, opera nas raízes da natureza humana. Não se escolhe entrar na rede. O ser humano é rede. De vínculos psicoafetivos, símbolos, mitos, arquétipos e etc. O vínculo é a vivacidade da multinatureza humana, com suas dimensões biológica, psicológica, sociológica e cultural, entrelaçadas e articuladas (CONTRERA, 2017)

Considerações Finais

Mamilos revela-se como um produto sonoro estratégico para investigar a dinâmica, o funcionamento e a força de resistência da dialogia e da empatia como pressupostos para facilitar a comunicação jornalística – oferecendo à área um reencontro com sua missão fundadora, a qual se compromete com a Democracia e o Estado Democrático de Direito.

Usar este podcast para mergulhar na Cultura do Ouvir (Menezes, 2012; 2016) em meio à hipertrofia da imagem ou à exacerbação do ver pode desnudar uma das lacunas epistemológicas de cujo preenchimento suscitarão ricas reflexões a despeito dos processos comunicacionais. Como provoca Menezes ao perguntar: “o cultivo do ouvir pode enriquecer os processos comunicativos, hoje muito limitados à visão? O cultivo do ouvir pode nos ajudar a viver melhor num mundo marcado pela abstração?” (MENEZES, 2008, p.114).

Os sons e as sonoridades apresentam raízes, as quais se confundem com a evolução humana e tornam-se indispensáveis para a compreensão do fenômeno *Mamilos*. Os momentos do programa aqui expostos nos impelem a refletir sobre os sentidos do ouvir e do movimento, até mesmo sob o ponto de vista ontogenético. A força do som enquanto elemento vinculador vem de cedo. Alerta Christoph Wulf: estes sentidos “são os primeiros sentidos desenvolvidos. A partir da idade de quatro meses e meio, um feto é capaz de reagir a estímulos sonoros” (WULF, 2004).

O autor atenta ainda para a retroatividade do ouvir, isto é, aquele que fala, ouve a si mesmo. Nos parece claro que *Mamilos* convida através do som o outro a falar. Se não com uma intervenção direta dentro do programa, mas com a assimilação do diálogo e incentivo à sua continuidade, pela preferência à abertura e ao respeito em detrimento do fechamento das questões. O som viabiliza, desperta e edifica o pertencimento (CYRULNIK, 1997).

Nesse sentido, Menezes (2017) destaca que estar atento à cultura do ouvir é buscar compreender o enredamento que nos envolve durante o processo de comunicação. É considerar que a teia de vínculos – sobretudo os sonoros – fortalece a perspectiva da participação, da consciência e do protagonismo daqueles que estão envolvidos numa rede. Perspectiva frontalmente oposta à da reação dos indivíduos em meio à ação unilateral e direta do processo comunicacional vertical.

Mamilos também pode ser compreendido como esse complexo processo comunicacional mediado pelo convite à oralidade, à sonoridade. Por essência – e pela maneira a partir da qual é percebido – o som envolve todo o corpo. O ser humano, poroso que é, preenche-se, vibra e estimula-se através do som. E o convite de resgate da oralidade bem como de revalorização da cultura do ouvir pode passar pelos vínculos sonoros oferecidos por *Mamilos*.

A resistência exercida pela cultura do ouvir em meio a uma sociedade cujas relações são mediadas predominantemente por imagens está para a resistência exercida por *Mamilos* em meio ao automatismo, ao esquematismo e à previsibilidade das narrativas jornalísticas.

As práticas dialógicas requerem generosidade, empenho e ação criativa. Talvez por isso constituam a saída em qualquer emergência da crise. Os impasses, as impotências ou os paradoxos do caos só projetam um encaminhamento dinâmico se houver diálogo. Pelo menos em sociedade, a dialogia dá forma a atos emancipatórios” (MEDINA, 2003, p. 54).

Referências

CONTRERA, Malena S. (2009). Resiliência. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). Dicionário da Comunicação. São Paulo: Paulus, pp. 405-406.

CONTRERA, Malena S. (2009). Vínculo Comunicativo. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). Dicionário da Comunicação. São Paulo: Paulus, pp. 458-459.

CONTRERA, Malena (2017). Vínculos. Palestra proferida no Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir em 9 nov. 2017. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero.

CYRULNIK, Boris (1999). Do sexto sentido. O homem e o encantamento do mundo. Lisboa: Instituto Piaget.

FERRARETTO, Luiz Artur (2001). No ar: Rádio: o Veículo, a História e a Técnica. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto.

HERSCHMANN, M. KISCHINHEVSKY, M., (2008). A ‘geração podcasting’ e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. Revista Famecos, n. 37., dez, p. 101-106.

KISCHINHEVSKY, Marcelo (2016). Rádio e Mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad.

MEDINA, Cremilda (2003). A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus.

MENEZES, José Eugenio de O. (2008). Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. Líbero, ano XI, n. 21, p. 111-118.

MENEZES, José Eugenio de O. (2007). Rádio e Cidade – Vínculos Sonoros. São Paulo: Annablume.

MENEZES, José Eugenio de O. (2016). Cultura do Ouvir e Ecologia da Comunicação. São Paulo: Editora Uni. Disponível em: < <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/CULTURA-DOOUIR.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MENEZES, José Eugenio de O. (2012) “Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade”. In: MENEZES, J. E. e CARDOSO, M. Comunicação e cultura do ouvir. São Paulo: Ed. Plêiade.

MENEZES, José Eugenio de O. (2016) Cultura do ouvir e ecologia da comunicação. São Paulo: UNI Editora.

MORIN, Edgar (2015). Epistemologia da Complexidade. Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Porto Alegre, Sulina.

MORIN, Edgar (2015). Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina.

TRAQUINA, N. (2005). Teorias do Jornalismo - Volume 1 - Porque as notícias são como são. Porto Alegre, Editora Insular.

VICENTE, Eduardo (2018). Do rádio terrestre ao podcast: uma nova prática de produção e consumo de áudio. Anais da Compós. Disponível em: <
http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_5U524AASCK6777ZKAFXV_27_6695_25_02_2018_16_09_06.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

WULF, Christoph; BORSARI, Andrea (Orgs.) 2002. Cosmo, corpo, cultura. Enciclopedia Antropologica. Milano: Bruno Mondadori.